

Da grande mentira às primeiras sílabas da verdade*

Antônio Callado

169

O Brasil é um país que pode ser governado por analfabetos que não sejam eleitos por analfabetos. Para impedir o analfabeto de votar existe um breve exame de leitura e escrita. Para impedi-lo de governar não existe nada.

Há uma certa simplificação no que aí fica escrito porque não existe, ocupando cargo eletivo, nenhum cidadão que realmente não saiba escrever o nome. Mas é uma verdade que o Brasil ainda mantém iletrada metade de sua população, sem direito ao voto, devido a governos tão analfabetos que fazem da pasta da Educação, invariavelmente, um prêmio de consolação de partidos políticos ou Estados menos aquinhoados. A função educacional, que devia ser a primeira, é a última. A Constituição Federal de 1946 mente desde o Art. 1.º, em que diz que “todo poder emana do povo e em seu nome será exercido”. Devia dizer que emana de metade do povo. Em alguns Estados, como o Piauí, emana de um quinto do povo, porque o resto não sabe ler. Quando declara no Art. 132, que não podem alistar-se eleitores os analfabetos está punindo a vítima e não o criminoso. Isso se compreenderia como punição de uma minoria debilóide congênita ou que se recusasse a aprender a ler. Mas quando o povo não tem escolas nem professores por que trancá-lo nesse jardim zoológico do Art. 132?

* Publicado no *Jornal do Brasil* em 15 de janeiro de 1964. Original disponível em: <http://forumeja.org.br/files/materia_inteira.jpg>.

O melhor retrato do Brasil que se poderia fazer num quadro a óleo seria o do marechal Lott (general naquele tempo) dando entrevista à *United Press* sobre a crise de novembro de 1955, com o revólver numa das mãos e a Constituição na outra. As classes armadas, as mais bem aquinhoadas do Brasil desde a República, defendendo uma Constituição que mente no Art. 1º, no Art. 141 (“Todos são iguais perante a lei”, menos os que não educamos) e, principalmente, no 78: “O Poder Executivo é exercido pelo Presidente da República”, sempre que o ministro da Guerra permitir.

O homem inserido no mundo

Como existe hoje em dia em Pernambuco uma bela exaltação revolucionária, fala-se menos em dar voto ao analfabeto do que em alfabetizá-lo para que conquiste seu voto contra um País injusto e uma Constituição esnobe. Numa aula dada pelo Sistema Paulo Freire um lavrador juntou pela primeira vez duas sílabas, ti e to, e bradou:

– Tito é nome de gente e o papel que a gente vota!

Tinha pescado ao mesmo tempo, do meio do letrume, um ser humano e sua carta de alforria na mão. Um retrato do Brasil possível, futuro.

O Sistema Paul Freire já tem provas suficientes de que alfabetiza adultos em 40 horas, ou mês e meio a dois meses de instrução. O analfabeto, ao contrário da criança, tem montada em si uma complexa máquina de pensar. Em grande parte inútil, rodando no escuro, apanhando noções ao acaso. Mas quando entra ali, pela leitura, o pensamento concatenado, o moinho está pronto a moer. O homem é pegado já adulto, como Jeová pegou Adão, e inserido igualmente num mundo formado. Em parte formado contra ele, antes mesmo de qualquer pecado, porque ele não sabe ler. Outra frase iluminada que anotei quando ouvia histórias dos educandos de Paulo Freire foi a do camponês que, ao invés de juntar sílabas para formar uma palavra, deixou as sílabas independentes e formou a frase:

– Tu já lê.

Como se o tu fosse ele próprio, ou melhor, seu ser novo, alfabetizado. Descartes ficaria deleitado de ver tanto homem cogitando e sendo diante das palavras projetadas em cartões.

O Sistema Paulo Freire é um Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, com algum apoio federal, mas não muito. Está em pleno desenvolvimento, e, quando tiver uma equipe suficientemente grande de professores, pode modificar dentro de algum tempo o panorama cultural do Brasil.

Tudo é novo em Pernambuco e o Sistema Paulo Freire começou há uns dois anos, no Movimento de Cultura Popular do Recife, que estudava os meios de fazer Educação de Adultos mediante um Círculo de Cultura que instituiu debates entre analfabetos adultos. Em se tratando de Pernambuco houve agitação de ideias que

estão no ar e nos jornais e não nos livros. Para grande alegria dos professores, os temas que logo interessaram os educandos eram desse tipo: nacionalismo, remessa de lucros, política brasileira, desenvolvimento, voto do analfabeto, socialismo e comunismo, direitismo, Ligas Camponesas etc. Com a ajuda de explicações, de uma e outra projeção cinematográfica, o Círculo de Cultura fez todo o grupo de Educação de Adultos indagar de si mesmo se não haveria um meio de alfabetizar assim, mediante um método ativo e dialogal.

A palavra diálogo

Ela aparece a todo instante no método Paulo Freire, e, de uns anos para cá, aparece mais e mais nos editoriais políticos dos jornais brasileiros. É o nome do que não havia no Brasil. Nossa história de golpes é uma história de monólogos. Não houve nenhuma conversa antes dos grandes momentos da nossa história mesquinha. Grupinhos de elites (palavra que emigrou da França para ser diariamente insultada no Brasil) monologam em algum palácio ou quartel e no dia seguinte comunicam ao povo que o salvaram.

O diálogo no Sistema Paulo Freire é uma realidade. Não se impõem noções ao analfabeto, como a uma criança. Fazem-se sugestões e, enquanto com ele conversa, o professor muito aprende com o analfabeto, que se transforma em ser humano na sua frente. Sua base intelectual Paulo Freire a expõe assim:

Entre as várias relações que o homem estabelece com a sua realidade existe uma específica – de sujeito para objeto – de que decorre o conhecimento. Esta relação também é feita pelo analfabeto. A diferença entre a relação que ele trava nesse campo e a nossa está em que a sua captação do dado objetivo se faz via sensível, e a nossa pela via crítica. Da captação via sensível surge uma compreensão da realidade preponderantemente mágica, a que corresponde uma ação também mágica. O que teríamos de fazer, baseados nas experiências e nas pesquisas de Paul Legrand, era colocar entre a compreensão mágica da realidade, que informava a ação mágica sobre a realidade, um termo novo: pensar. Estaríamos assim levando o homem a substituir a captação mágica por uma captação cada vez mais crítica.

Prossegue Paulo Freire:

Outro dado de que partimos é o de que a educação trava uma relação dialética com a cultura. O método ativo e dialogal usa os dados da vida e das dificuldades que encontra o educando. Por isso é que os analfabetos, que aprendem a ler e a pensar ao mesmo tempo, não ficam idolatrando o mestre. Antes dizem, como tantos, que ali “não tem nada de novo, a gente está é refrescando a memória”.

Os dois mundos

Pelo Sistema Paulo Freire o homem aprende, de uma só vez, a ler, a pensar e a dizer o que pensa. De chofre, gestalticamente. O Sistema, por meio de imagens projetadas, ensina de cara o educando a dividir o mundo da natureza do mundo da cultura. Depois dessa instrução visual coloca diante do educando, também inteiras, as *palavras geradoras* que serão em seguida decompostas.

Na prática, desenhos graciosos e simples, que o pintor Francisco Brennand fez para Paulo Freire, são usados como slides e ensinam, ou, melhor, levam o educando a separar o mundo natural, do mundo feito pelo homem. Em seguida projetam-se também na tela, na parede caiada, em geral, as *palavras geradoras*, as que têm maior significado existencial para os lavradores. Fala agora Aurenice Cardoso, mestre do SEC, que transmite uma excelente visão de como o professor Higgins está criando sua Galateia pernambucana:

As palavras geradoras são as palavras-chave que, decompostas em seus fonemas, propiciam o surgimento de novas pela combinação dos fonemas. Assim, por exemplo, a palavra favela poderia gerar: favo, fivela, luva, leva, vovó, fala, lavava, fila etc. Com o material colhido em pesquisas feitas em localidades diversas de Pernambuco, conseguimos uma redução de palavras geradoras que possibilitaram uma unificação de situações para todo o Estado. As palavras geradoras, em número de 16, do vocabulário mínimo obtido, permitirão o surgimento de palavras do vocabulário ordinário das comunidades pesquisadas. É o seguinte o vocabulário mínimo com o qual alfabetizaremos Pernambuco: tijolo, povo, farinha, terra, seca, casa, cego, guia, engenho, enxada, máquina, trabalho, chuva, pobreza, classe, eleição.

Começa a projeção de *slides* ou fichas. O primeiro é um camponês na sua casa, uma cacimba ao lado. O coordenador (pois não se chama professor) pede aos analfabetos que descrevam o que veem. Conta Aurenice:

Quando investigados a respeito da atitude do homem, entendem que ele se relaciona com o mundo e o faz, explicam, porque tem ciência, pensamento, razão, juízo. O coordenador observa então que há coisas na ficha que o homem não fez: a árvore, o monte, o pássaro, o porco, o próprio homem; pertencem ao mundo da natureza. Outras coisas o homem fez, criou, como a casa, a cacimba, o chapéu que leva na cabeça. O mundo das coisas que o homem criou é o da cultura. De debate em debate os educandos descobrem que a cultura surgiu como uma resposta do homem ao desafio da necessidade. Contra o sol fez o chapéu. Ao ter sede cavou a terra para fazer a cacimba.

As três fichas que se seguem representam três caçadores: um índio, um caçador de hoje, um gato caçando um rato. Aos poucos, de observação em observação, os educandos comparam os dois caçadores homens, veem que o segundo é mais civilizado. Dizem que enquanto o índio faz força para atirar a flecha, o outro caçador, feita a pontaria, gasta o mínimo de energia, apertando o gatilho. Entra aí a ideia da tecnologia, enquanto o coordenador leva o grupo a discutir a fase iletrada do primeiro caçador, uma vez que correspondia a uma época em que a herança cultural se processava por via oral. O gato dá a ideia do mundo irracional, comparado ao humano. Não altera seu modo de caçar, não sabe por que faz as coisas.

Paulo Freire ouviu de um camponês mais filosófico uma espécie de protesto-defesa:

O gato também faz cultura, como o homem, porque eu, às vezes, faço feito gato, quer dizer, faço as coisas sem saber por quê.

E outras imagens a discutir são projetadas: oleiros trabalhando; jarra de flores; livro aberto com poeminha *A bomba*, sobre a bomba atômica; vaqueiro nordestino e gaúcho. Finalmente vem a imagem-síntese: o quadro que mostra os camponeses aprendendo, o coordenador projetando um *slide* na parede. É a hora da recapitulação, de verem todos o que fazem ali, do que é e para que serve a educação.

A palavra escrita

Quando o camponês foi assim desinibido e começou a usar seu raciocínio de forma ao mesmo tempo livre e sistemática, chega a hora de aprender a ler. Primeiro as fichas, além de trazerem uma palavra escrita, trazem o desenho correspondente. Vem a projeção de uma primeira ficha ou imagem, a de tijolo, a palavra e o objeto. Em seguida, aparece só a palavra tijolo. E eis a fase final do processo descrita por Aurenice Cardoso.

Após a visualização, introduz-se o grupo na decomposição, como por exemplo: ti-jo-lo.

Da primeira sílaba *ti* leva-se o grupo a conhecer toda a família fonêmica resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais; seguidamente, leva-se o grupo a conhecer a segunda família fonêmica e posteriormente a terceira.

Ao se depararem com a família fonêmica, eles reconhecem apenas a sílaba da palavra visualizada. E de importância não é só conhecer, mas reconhecer, uma vez que só há verdadeira aprendizagem havendo reconhecimento: (ta, te, ti, to, tu), (ja, je, ji, jo, ju) e (la, le, li, lo, lu).

Reconhecendo o *ti* de tijolo, o grupo o compara com as outras sílabas notando que começam iguais e se diversificam no fim e por isso cada uma tem um nome.

Conhecendo-se cada família fonêmica separadamente, fazem-se diversas leituras para que se fixem as sílabas novas. Chega-se então ao momento das famílias já conhecidas aparecerem juntas:

ta te ti to tu
ja je ji jo ju
la le li lo lu

Feita a leitura em horizontal, faz-se em vertical, a fim de que os participantes notem que as sílabas agora se iniciam diferentes e terminam iguais. Preparam-se para a decomposição da sílaba em letras.

Interessante é que, diante dessa ficha, geralmente os participantes descobrem a palavra visualizada ou outra, *lata* por exemplo. É realmente importante, porque nesse momento eles aprendem o mecanismo da língua portuguesa que é o de juntar sílabas. Daí, denominarmos essa ficha de “ficha da descoberta”. É que não se fez doação, nada se deu pronto ao analfabeto, mas ele descobriu.

A dimensão nova que lhe dá o conceito de cultura se faz constatar agora, quando se descobre lendo e escrevendo.

Finalmente, conhece as vogais e introduz-se na escrita. Interessam-se muito na formação de palavras outras que encontram. Da palavra tijolo poderiam formar: loja, jato, lote, talo, tato, lata, luta, tule etc.

Na medida em que visualizam uma palavra geradora nova, dominam dificuldades fonêmicas diversas, até que após vencerem todas ficam totalmente alfabetizados.

Há dias dedicados à fixação do que foi apreendido, em que se exercitam em leituras individuais e coletivas, autoditados e jogos de fundamental importância.

Noções de maiúsculas, ponto final, acentuação são introduzidas na medida em que surgem as oportunidades. É conveniente observar que desde o início recebem palavras e sentenças por eles formadas, batidas à máquina ou mimeografadas, para que se familiarizem com a letra de imprensa.

Jornais são circulados, lidos e debatidos; pequenas composições, poemas e bilhetes são escritos. Provas são realizadas para avaliação do trabalho. Temos conseguido isso numa média de 40 horas de atividades, que correspondem ao período de aproximadamente um mês e meio ou dois meses.

Palavra geradora

Uma das palavras geradoras no Sistema Paulo Freire é eleição. Uma das esperanças dos que usam o sistema é poder aumentar, já em 1965, o contingente eleitoral, isto é, tirar gente condenada ao limbo do Art. 132. Se os professores, ou coordenadores, forem formados em número suficiente, será talvez possível acrescentar... o quê? Dois milhões de eleitores? Três? Um só? É difícil prever. Mas a longo prazo – em dez anos, digamos – não há dúvida de que o Brasil poderá redimir a maior parte da sua massa de analfabetos. O perigo é que o governo, descobrindo as vantagens do método, feche definitivamente o Ministério da Educação, raciocinando, como um *Jeca Tatu* no Palácio da Alvorada:

Deixe as crianças crescerem analfabetas mesmo, que depois o SEC educa elas. Assim a gente pode comprar outro porta-aviões para a Marinha, dar uma Divisão Blindada ao Exército e continuar no Poder.

174

Antonio Callado (★1917 – 1997†) foi jornalista, romancista, biógrafo e dramaturgo. Ele revela nos romances o seu compromisso político e, por ter-se oposto ao regime militar, foi preso duas vezes. Em *Quarup*, romance publicado em 1967, no capítulo 5 – “A palavra” –, a personagem Francisca coordena um círculo de cultura para alfabetizar camponeses.